

# PROJETO PEDAGÓGICO INTERDISCIPLINAR NA E PARA A FORMAÇÃO DO FISIOTERAPEUTA: DIALOGANDO COM AS DIRETRIZES CURRICULARES

## INTERDISCIPLINARY PEDAGOGIC PROJECT IN THE AND GOES THE PHYSIOTHERAPIST'S FORMATION: DIALOGUING WITH THE DIRETRIZES CURRICULARES

Celia Maria Haas\*  
Denise Pirillo Nicida\*\*

### Resumo

Este artigo procura mostrar um caminho interdisciplinar para a formação do fisioterapeuta, identificando e analisando, na prática docente, aspectos da interdisciplinaridade como: ambigüidade, provisoriedade, humildade e erudição. Parte da apropriação do conceito e da história da Fisioterapia, para chegar à construção de uma proposta de formação para esse profissional. Ao analisar as competências propostas nas diretrizes curriculares, aponta-se a interdisciplinaridade como uma atitude que dialoga com as várias disciplinas, possibilitando superar a fragmentação no processo formativo. A conclusão a que se chega é de que formar fisioterapeutas interdisciplinarmente é uma possibilidade calcada no respeito ao ser humano e à sua individualidade, sempre acompanhado pelo conhecimento e pela ética.

**Palavras-chave:** educação, ensino-aprendizagem, diretrizes curriculares, fisioterapeuta.

### Abstract

This experiment intends to show an interdisciplinary approach to the formation of the physiotherapist, identifying and analyzing in teaching practices aspects such as ambiguity, transitoriness, humility and erudition. Starting from the concept of ownership and the history of Physiotherapy, it aims to construct of a proposed vocational training for that. On examining the qualifications proposed in the curriculum guidelines, the interdisciplinary approach is considered a dialogue with the various disciplines, allowing the attribute overcome the fragmentation in the formative process. The conclusion we reach is that training physical therapists with an interdisciplinary approach is a possibility based on respect for the human being and his individuality, always accompanied by knowledge and ethics.

**Key words:** education, teaching-learning, curriculum guidelines, physiotherapist.

## INTRODUÇÃO

Frente ao desenvolvimento das ciências, às demandas sociais e às mudanças nas relações de trabalho, torna-se necessário repensar os saberes, deixando-os mais ágeis, mais adequados à ação. Isto requer mudanças na formação profissional, valorizando não a transmissão e a aquisição de conhecimentos prontos, mas a capacidade de raciocinar e de inter-relacionar problemas e soluções.

A sociedade também está mais globalizada e os cidadãos mais cientes de suas necessidades e direitos. O individual cede espaço para o coletivo, os problemas apresentam-se multifacetados, e as soluções requerem intervenções de ordem política, social, psicológica e cultural. Além de as interferências serem mais complexas também devem ser mais rápidas, visto que, assim como as informações, as relações interpessoais movem-se com maior velocidade.

O desafio para a educação é formar um profissional que dê conta dessa nova estrutura social

\* Professora Doutora do Programa de Mestrado em Educação da Universidade Cidade de São Paulo – UNICID (São Paulo/SP) e Coordenadora da Escola de Educação da Universidade Municipal de São Caetano do Sul – IMES/SP.

\* \* Professora Mestre e Coordenadora do curso de graduação de Fisioterapia do Centro Universitário Ítalo-Brasileiro-Uni Ítalo (São Paulo – SP) e Professora do curso de graduação de Fisioterapia das Faculdades Metropolitanas Unidas- FMU (São Paulo–SP).

e das que ainda estão por vir. As finalidades da educação precisam ser reformuladas para atender às novas demandas sociais. O ensino precisa ser mais crítico e menos formal, mais dinâmico e menos conservador, mais interdisciplinar e menos especializado.

Com esta ótica, o texto enfoca, particularmente, a formação de nível superior, mais especificamente a formação do fisioterapeuta. Reflexões sobre a prática docente surgem entremeadas pela interdisciplinaridade, fio condutor e referencial desta proposta de formação, em cujo bojo, a interdisciplinaridade acena como guia, tornando os envolvidos mais comprometidos e reflexivos.

É no diálogo entre as práticas educacionais e a interdisciplinaridade que vão surgindo soluções para a formação de fisioterapeutas mais humanos, mais responsáveis e mais realizados na profissão. Não há qualquer pretensão de criar algo a ser imitado, mas de contribuir para o exame dos rumos que a educação superior está tomando e como cada um dos envolvidos pode assumir sua parte no processo.

## O FISIOTERAPEUTA

Desde 2002, o perfil do fisioterapeuta vem sendo traçado pelas competências sugeridas pelas respectivas Diretrizes Curriculares (BRASIL, 2001). Vale lembrar, porém, que competência se refere a habilidades, aptidões e direitos. Pode ser definida como *saber fazer algo de forma correta, ou da forma esperada*.

Segundo Barros (2003, p. 20-21),

[...] o fisioterapeuta pode ser definido como um profissional de nível superior da área de saúde, pleno, autônomo que atua isoladamente ou em equipe em todos os níveis de assistência à saúde, [...] com ênfase no movimento e na função, prevenindo, tratando e recuperando disfunções e doenças, sendo, portanto, seu principal objeto de trabalho a saúde funcional.

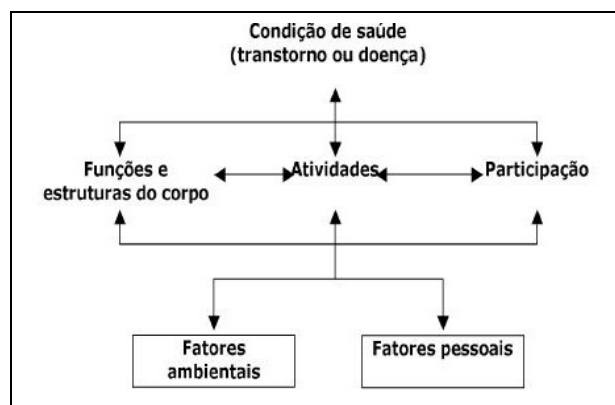
Para atuar na saúde, são necessários conhecimento e compreensão do ser humano que vão além do corpo físico. Lalonde (1996) aponta que a saúde é um resultado da integração de vários fatores: biologia humana, ambiente, estilo de vida e organização da assistência à saúde. A saúde pode ser vista como o resultado do gerenciamento

adequado das áreas física, emocional, social, profissional, intelectual e espiritual (SILVA e DE MARCHI, 1997).

Em 2001, a Organização Mundial de Saúde (OMS) publicou a “*International Classification of Functioning, Disability and Health (ICF)*”, ou seja, a Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF), que consiste numa das várias classificações internacionais de saúde criadas por aquela agência especializada, com a finalidade de descrever a saúde e seus estados relacionados (ORGANIZAÇÃO..., 2003).

A CIF baseia-se numa abordagem biopsicossocial, incorporando componentes de saúde nos níveis corporais e sociais. Considera a condição de saúde como a integração de três dimensões: a biomédica, a psicológica – dimensão individual – e a social. A saúde passa a ser constituída por três domínios:

- funções e estruturas do corpo: funções fisiológicas – inclusive psicológicas – e partes anatômicas;
- atividades e participação: execução de tarefa ou ação e envolvimento em uma situação da vida; e
- fatores contextuais: ambientais e pessoais.



Fonte: OMS (2003).

**Figura 1:** Esquema da interação entre os componentes da CIF

Essa classificação mostra-se inovadora na medida em que reconhece o papel central do meio ambiente no estado funcional dos indivíduos, agindo como barreira ou facilitador no desempenho de suas atividades e na participação social. Esse novo modelo conceitual, denominado modelo social, vê as disfunções do indivíduo como uma questão político-social e não meramente orgânica.

Desta forma, o fisioterapeuta, enquanto profissional de saúde, deve estar atento a todos

esses aspectos do ser humano, percebendo que, devido à sua complexidade, toda intervenção deve ser multidisciplinar. Trabalhar em equipe requer, de cada um dos membros, virtudes como o conhecimento das próprias limitações, cordialidade e capacidade de dividir decisões (LEME, 1998). Quando as tarefas de cada profissional não estão estabelecidas e conscientizadas pelo grupo, o conflito é inevitável.

A saúde é dinâmica, envolve não só o presente como o passado e o futuro. O fisioterapeuta tem habilidades para atuar na promoção e prevenção, antevendo as situações de risco, corrigindo-as e orientando a população para realizar diversos tratamentos que restituam o indivíduo ao nível anterior de saúde e para recuperar parte das funções perdidas, garantindo uma vida digna e produtiva.

O objetivo maior da Fisioterapia é o retorno do indivíduo a um estilo de vida tão normal e integral quanto possível, ou, então, a manutenção ou maximização da função remanescente. Por função entendem-se todas as ações fisiológicas dos sistemas do corpo. Assim, a funcionalidade de um indivíduo é uma interação entre estado ou condições de saúde e os fatores ambientais e pessoais. A Organização Pan-americana da Saúde (OPAS) sugere que a incapacidade não é um atributo do indivíduo, mas um conjunto complexo de condições, muitas das quais criadas pelo ambiente social. Desse modo, é a partir da desintegração da questão física e política que surge a disfunção e, conseqüentemente, torna-se necessária uma abordagem biopsicossocial para obter a integração das várias perspectivas de funcionalidade (ORGANIZAÇÃO..., 2003). O fisioterapeuta deve considerar a disfunção não causada diretamente pela doença, trauma ou outro estado de saúde, mas, também, como problema criado socialmente, cuja intervenção nas políticas de saúde torna-se necessária. O enfrentamento do problema requer ação social, enquanto cidadão e enquanto profissional da saúde, resgatando os direitos humanos por meio de ações diretas e de conscientização da população.

O primeiro passo rumo à aquisição das competências é o domínio das técnicas próprias da Fisioterapia. Isto significa não apenas aplicá-las corretamente, mas, também, selecionar a mais adequada para cada situação e saber quais as conseqüências imediatas e futuras do uso dessa técnica.

A seguir, o fisioterapeuta deve saber situar o uso da técnica no contexto socioeconômico e

político, e, finalmente, observar os aspectos afetivos e emocionais dessa prática. Todo esse processo deve ser desenvolvido sob a égide da ética. Como observa Rios (2001, p. 23), o saber fazer bem “[...] se revela na articulação de suas dimensões técnica e política, mediadas pela ética”. Alguns dos princípios éticos a serem destacados são: o respeito pela autonomia do cliente; a beneficência; a confidencialidade; e a justiça.

O exercício das competências e habilidades específicas do fisioterapeuta requer conhecimentos para: realizar todas as etapas do processo fisioterápico; fazer o diagnóstico cinético-funcional e a intervenção fisioterápica; desenvolver atividades de planejamento, organização e gestão de serviços de saúde; emitir laudos e atestados; prestar todos os esclarecimentos ao cliente e familiares; encaminhar o cliente a outros profissionais sempre que necessário; zelar pela eficácia das técnicas fisioterápicas; e conhecer os fundamentos históricos e legais da profissão.

No futuro, a Fisioterapia deverá ampliar seu campo de atuação com uma ação cada vez mais eficiente para a saúde da sociedade. Daí, a importância da pesquisa e da formação contínua, descobrindo e atualizando conhecimento, e do controle sobre suas atividades privativas.

Surge, então, a dúvida de como formar esse novo fisioterapeuta, de como desenvolver as competências esperadas para o exercício pleno e eficaz de suas atribuições. O papel das instituições de ensino seria o de desenvolver, com a instrumentalização, o potencial humano para formar cidadãos capazes de intervir eticamente na sociedade, sendo suas ações movidas pelo conhecimento inovador. Uma atuação cidadã é crítica, criativa, efetiva, presente, exemplar e competente.

## A FORMAÇÃO DO FISIOTERAPEUTA

A formação deve desenvolver competências técnicas e humanitárias, preparando o profissional para enfrentar os três grandes desafios de nossa época: a globalidade, a complexidade e a expansão descontrolada do saber. A globalidade envolve uma ampla capacidade de visão, uma captação da realidade dentro da totalidade e da inter-relacionalidade. Os componentes da globalidade são inseparáveis, assim como os da unidade, devido à sua condição de complexidade (MORIN, 2000).

O ensino deve encorajar o autodidatismo e ajudar o aluno a compreender a condição humana. Quanto mais ampla a compreensão melhor a capacidade de julgamento e a visão em longo prazo. O profissional precisa aprender a dosar especialização e globalização. Precisa ser capaz de intervir de forma ética e eficaz em seu campo de atuação, conhecendo a fundo seu objeto de trabalho.

A formação de um profissional é, antes de tudo, a formação de um cidadão, que consiste em um ser solidário e responsável. Cabe à instituição deixar claro, no Projeto Político-Pedagógico, o que espera do cidadão que está formando, anunciando suas diretrizes sociais, políticas e econômicas. O currículo, às vezes, torna-se só uma lista que abrange aulas teóricas, práticas e estágios. Obviamente, estes itens também fazem parte do currículo, mas não se bastam. Precisa se constituir num projeto que ligue a instituição de ensino à atuação profissional. A elaboração de um currículo deve levar em conta, além do conhecimento já produzido na área, as condições de atuação do profissional perante a comunidade. Desta forma, o perfil do profissional a ser formado estará de acordo com a realidade onde pretende atuar. Além disso, deve favorecer a pesquisa, pois os conhecimentos estão constantemente se modificando (NICIDA, 2002).

A parte teórica da profissionalização requer questionamento de si, uso de autores e teorias como norteadores e inovadores. Na parte prática, tem-se o contato profissional, a teorização das práticas e a prática profissional. Os estágios curriculares devem objetivar a integração teoria-prática, portanto, devem ser exercitados desde o princípio do curso, em concomitância com a teoria. Para que o estágio seja efetivo, é necessário um planejamento que inclua metodologia e avaliação. O processo de avaliação não pode ser apenas classificatório, mas, formativo de habilidades, atitudes e conhecimentos.

Um currículo bem estruturado equilibra as matérias científicas com as humanitárias, permeadas pela pesquisa. Em sua elaboração, é fundamental constar o projeto pedagógico da instituição, seus objetivos e formas de intervenção.

A formação ocorre por meio das relações interpessoais, valorizando no processo ensino-aprendizagem o encontro dos indivíduos. Esta é uma forma de se trabalhar no terreno da interdisciplinaridade. Por conta disto, a interação entre os saberes torna-se possível na tentativa de unir os conhecimentos para melhor compreensão da sociedade. Sabe-se que nem sempre pode ser plenamente exercida, em razão dos limites

institucionais e curriculares e das limitações pessoais dos envolvidos (NICIDA, 2002).

Na reflexão sobre as possibilidades de superação de um saber fragmentado, especializado, inadequado a uma sociedade dinâmica e globalizada, situa-se a interdisciplinaridade. O desenvolvimento de novas ciências, dentre as quais a Fisioterapia, tornou necessário repensar os saberes necessários, na medida em que aumentaram as atribuições e responsabilidades profissionais.

A interdisciplinaridade reconhece e ultrapassa as fronteiras que as disciplinas impõem ao conhecimento, valorizando as trocas de saberes entre os vários especialistas. Para Japiassu (1976, p. 67), interdisciplinaridade é o esforço de reconstituição da unidade do objeto que a fragmentação dos métodos inevitavelmente pulveriza.

Trabalhar interdisciplinarmente requer um conhecimento vivenciado e refletido; uma apropriação diária da prática; um complexo processo de construção. Necessita, pois, da conjunção entre a tarefa e o conhecimento; entre a ação e a reflexão.

No dizer de Japiassu (1976, p. 123), “a reflexão interdisciplinar está empenhada em isolar um momento da experiência do saber a fim de determinar-lhe a estrutura fundamental e de referir esta estrutura à unidade do ato fundador de sentido”.

Para Fazenda (1995, p. 111), as principais características de um projeto interdisciplinar estão na vivência do perceber-se ator e autor de uma história de vida e de escola e, nesse movimento, perceber-se para tornar-se interdisciplinar.

Fazenda (1994) lista os fundamentos para uma prática docente interdisciplinar, ou seja, movimento dialético, memória, parceria, o perfil de uma sala de aula interdisciplinar, os projetos interdisciplinares e a pesquisa interdisciplinar. O movimento dialético caracteriza-se pelo diálogo, consigo mesmo e com o outro, requerendo uma atitude de abertura e de acolhimento, o que envolve a memória no resgate do vivido, na reflexão das práticas implementadas. Realizar e fortalecer parcerias com os alunos, entre os professores e entre os teóricos da educação fortalecem o diálogo e a prática interdisciplinar.

Uma relação interdisciplinar professor-aluno caracteriza-se pela parceria que possibilitará a construção de novos conhecimentos. Para obter sucesso, alunos e professores precisam estar cientes de seus deveres, pois ensinar/aprender são

processos ativos que requerem compromisso, tempo e envolvimento.

A tradição incumbiu o professor da função de ensinar e o aluno da ação de aprender. Porém, essa visão dicotômica do sistema de ensino-aprendizagem não leva em consideração que quem ensina modifica o outro, e, ao modificá-lo também se transforma. Logo, seria preferível mencionar que o professor é o sujeito que tem por principal – mas não a única – função, ensinar e que a função do aluno – mas, também, não a única – é aprender.

A investigação demonstra que o sucesso do processo ensino-aprendizagem depende do empenho dos sujeitos envolvidos. Alguns dos deveres do professor são: preparo técnico e científico para ministrar suas aulas, aperfeiçoamento contínuo, tratamento igualitário em relação aos alunos e justiça nas avaliações. O aluno, por sua vez, precisa realizar as tarefas solicitadas, estudar em casa, manter uma boa disciplina para não atrapalhar os demais colegas e tratar o professor de forma respeitosa.

Nessa troca, o professor deve assumir o papel de líder, porém essa liderança não deve ser imposta, mas deve resultar de seu conhecimento e experiência, o que é chamado pela perspectiva interdisciplinar de erudição.

O professor não pode ter receio de manifestar liderança, pois, ao deixar de assumir seu papel, acaba por prejudicar todo o processo de ensino e aprendizagem. Na definição e adoção da identidade individual, constrói-se uma parceria, cujos elementos se esforçam para cumprir seus papéis e também devem se sentir livres para exigir o comprometimento dos envolvidos. Há um equilíbrio entre os direitos e deveres, tanto dos alunos quanto dos professores, mantido graças a objetivos claros e resultados concretos dessa associação.

A interdisciplinaridade faz da humildade um de seus pressupostos básicos. Ao abordar a atitude interdisciplinar pautada na humildade, HAAS (2000, p. 169) menciona que seria:

[...] uma atitude que tem como pré-requisito a humildade traduzida em reconhecimento da fragilidade da dimensão individual na busca de soluções e na produção de conhecimento quando, conseqüentemente, o diálogo fica facilitado, pois existe a predisposição para ele.

Nessa interpretação, não há sinal de fraqueza – tantas vezes associada à humildade –, mas de

disposição para o diálogo. Só dialoga quem, ao reconhecer a própria fragilidade, torna-se forte, quem não tem medo de pôr à prova suas certezas. Desta forma, a humildade traduz-se pela certeza da necessidade do diálogo e, conseqüentemente, da parceria. Tornar-se humilde, significa reconhecer os limites e vontade de rompê-los. A humildade é uma virtude que leva ao comportamento ativo de insatisfação e busca.

Gudsdorf (1987) destaca que o professor assumiu uma responsabilidade para com os outros que, muitas vezes, se torna um fardo, pois o que os alunos desejam aprender é a verdade. Por outro lado, há necessidade de humildade do professor no reconhecimento de sua incapacidade de ensinar a verdade universal. A verdade constitui-se-lhe a procura e não a solução. A verdade é traída toda vez que se pretende ensinar a verdade, conforme prega Gudsdorf (1987, p. 97).

Exercer a interdisciplinaridade exige certa dose de ousadia para transformar insegurança em processo de construção de conhecimento (FAZENDA, 1997). O sistema educacional brasileiro, tradicionalmente, confere ao professor uma aura de infalibilidade e, ao aluno, punição pelo erro. Entretanto, estas ações podem aprisionar e paralisar a busca pelo conhecimento. Cada um, alunos e professores, precisam estar cientes de suas deficiências para, então, procurar suprimi-las. Quem se acha infalível ou tem medo de errar não se arrisca, mas também não inova, não amplia horizontes nem cresce. Buscar formas alternativas de ensinar e aprender, em lugar de se limitar ao que já conhece, é uma atitude ousada que liberta.

Em alguns momentos, trabalhar com a interdisciplinaridade gera insegurança, em razão de sua condição de provisoriedade. É necessário ter paciência para aceitar o temporário sem cair na tentação de experimentar caminhos já conhecidos. Quem deseja aderir à interdisciplinaridade, precisa estar aberto às inovações.

Toda intervenção interdisciplinar requer tempo para que seus resultados apareçam. Nessa espera, reside a angústia do provisório. A própria divisão do funcionamento das instituições de ensino, com cursos semestrais, semanas de prova, prazos para entrega de notas leva ao desejo de resultados imediatos. Há necessidade de ressignificar o tempo do aprendizado, valorizando tanto o conhecimento adquirido diariamente quanto as construções mais elaboradas que levam um tempo maior para se concretizarem.

A interdisciplinaridade requer a habilidade da intuição juntamente com a competência. Fazenda (2000, p. 15) observa que a pessoa intuitiva e competente é sempre uma pessoa equilibrada e comprometida. Seu maior comprometimento é com a qualidade, motivo pelo qual está sempre estudando e pesquisando.

Ser intuitivo é compreender não apenas com o intelecto, mas contar com a ajuda das emoções e da criatividade (FRANQUEMONT, 2002). Pessoas intuitivas conseguem se orientar melhor quando mergulhadas em um grande número de informações, pela sua habilidade de enxergar o futuro. Geralmente, tomam decisões mais acertadas em decorrência de sua capacidade de elaborar o pensamento.

O exercício da interdisciplinaridade exige disponibilidade para buscar novos conhecimentos, experimentar diferentes soluções e atender às solicitações do outro. É uma atitude de abertura, de não-comodismo, e de descoberta em que o professor destitui-se de seu poder autoritário para aprender junto aos alunos. Isto é, para se descobrir.

A educação é um processo de auto-realização de todos os sujeitos envolvidos nas novas descobertas, em que estão presentes valores que orientam a ação de educadores e educandos. Essa construção diária é realizada num contexto social e político, modulado pela confiança. Seu dinamismo torna esse processo inesgotável e, por vezes, contraditório, uma vez que nem sempre as condições reais são propícias ao desenvolvimento a contento.

No relacionamento interdisciplinar a afetividade está presente na aceitação da humanidade do outro. Porém, não basta o acolhimento. É preciso, pois, que nas relações haja uma busca de aperfeiçoamento das qualidades individuais. É no momento que o professor detecta as dificuldades e fragilidades de cada aluno que ele pode ajudá-los a vencê-las. O afeto também facilita o diálogo, a humildade e a parceria.

A interdisciplinaridade trata o ato de educar e aprender com respeito, com valorização do humano, com ousadia e com alegria, palavras estas tantas vezes banidas das instituições de ensino. O ser humano vive em uma eterna busca da felicidade, porém, por mais paradoxal que possa parecer, esquece-se da alegria nessa busca. A ousadia de ser feliz e querer essa felicidade para os outros pode parecer utopia em um mundo de individualidade e intolerância, mas a

imaginação pode também ser um impulso para o professor.

Finalmente, há de sentir paixão pelo semelhante, pelo ensino e pelos estudos. Há de cultivar a alegria da descoberta, do encontro com o outro e do crescimento. Ao exercer na prática todos os aspectos da interdisciplinaridade, surge a força para transformar os indivíduos e a sociedade. Fazenda (1999, p. 10) diz que o respeito à plenitude do ato de educar é, em si mesmo, um convite a uma pitada de ousadia, ao experimentar, nem que seja em momentos reduzidos, a alegria – força de uma educação interdisciplinar.

Muniz (1999, p. 75) realizou um levantamento dos aspectos negativos e positivos que interferem no processo ensino-aprendizagem. A título de exemplo, são citados, como aspectos negativos, o desconhecimento por parte do professor de estratégias que possibilitem o desenvolvimento da criatividade, a imaturidade dos alunos frente à abordagem de pacientes em condições graves e a falta de tempo suficiente para abordar o assunto da disciplina.

Como aspectos positivos, cita o domínio de conteúdo sobre o tema abordado e o material bibliográfico disponível – a erudição. Podem-se, ainda, acrescentar à lista dos aspectos negativos o comodismo e o medo de inovar, tanto por parte dos alunos como dos professores. À lista dos aspectos positivos cabe adicionar a disponibilidade de aprender do aluno e de ensinar do professor, ou seja, a paixão pelo estudo e pelo ensino.

A formação de fisioterapeutas implica a apropriação da Fisioterapia como ciência e como história. Cada aluno pode ser induzido a formar sua definição, atento aos valores, conhecimentos e expectativas profissionais. Na tentativa de construir o conceito de Fisioterapia também são repensados os conceitos de homem, saúde e tratamento.

Aceitar a Fisioterapia como ciência, é aceitá-la além das técnicas, de forma racional e ilimitada. Sua eficiência na melhora da qualidade de vida do ser humano permitiu-lhe crescer, sendo, a respectiva legislação, um testemunho desse crescimento. Por meio do conhecimento das leis e atos normativos é possível a construção da identidade profissional dos fisioterapeutas, revelando a responsabilidade social da profissão (NICIDA, 2002).

## PARA CONCLUIR

Na busca de soluções práticas para a formação do fisioterapeuta, como profissional apto a desenvolver todas as competências exigidas no desenrolar de suas atividades, encontra-se a possibilidade interdisciplinar. Trabalhar com a interdisciplinaridade requer um conhecimento vivenciado e refletido, uma apropriação diária da prática, um complexo processo de construção. Convém destacar a necessidade da conjugação entre a tarefa e o conhecimento e entre a ação e a reflexão.

Entender e vivenciar a interdisciplinaridade exige um olhar mais acurado, mais reflexão, mais leitura e mais escrita. Nesse sentido, fica nítida a importância de se repensar a prática, buscando a construção da identidade do professor na memória e no presente. Porém, pensar somente no professor como responsável pelo sucesso do processo é atribuir-lhe uma carga excessiva. Sem o amparo institucional, não há ação que se sustente. A experiência de ensinar não deve ser solitária.

Sem idealizar a tarefa educacional, consideramos que é função do professor ver no aluno aquilo que nem o próprio aluno enxerga. É sua responsabilidade mostrar novos horizontes, resgatando no aluno o papel de agente da educação. Este é o papel que também cabe ao fisioterapeuta na relação profissional-paciente, permitindo-lhe entrar em contato com o cotidiano das condições de saúde da comunidade para que se sensibilize e busque as possíveis soluções.

O fisioterapeuta é um profissional privilegiado, pois sua atuação volta-se para melhorar diretamente a vida do próximo, ajudando-o a vencer barreiras e a conquistar a dignidade. Tem a possibilidade de enxergar o infinito da capacidade humana e aliar afetividade à técnica.

Pistas de como o docente pode melhorar seu desempenho, tornando-o mais comprometido com sua função, podem ser fornecidas pela interdisciplinaridade. Diálogo, parceria e pesquisa são algumas delas. A partir do momento em que cada professor perceber o valor de sua prática e se dispuser a refletir sobre ela, estará, então, exercendo a interdisciplinaridade.

## REFERÊNCIAS

- BARROS, Fábio Batalha M. de. Autonomia profissional do fisioterapeuta ao longo da história. **Fisiobrasil**, n. 59, p. 20-30, maio/jun. 2003.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CES 4, de 19 de fevereiro de 2002**. Institui diretrizes curriculares nacionais do curso de graduação em Fisioterapia. Diário Oficial da União, Seção 1, Brasília, 4 mar., 2002.
- FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. Campinas: Papirus, 1994.
- \_\_\_\_\_. **Interdisciplinaridade: um projeto em parceria**. 3. ed., São Paulo: Loyola, 1995.
- \_\_\_\_\_. Interdisciplinaridade: definição, projeto, pesquisa. In: \_\_\_\_\_. **Práticas interdisciplinares na escola**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1997.
- \_\_\_\_\_. **A virtude da força nas práticas interdisciplinares**. Campinas: Papirus, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Didática e interdisciplinaridade**. 3. ed. Campinas: Papirus, 2000.
- FRANQUEMONT, Sharon. O mundo é dos visionários. [29 maio 2002]. **Veja**, n. 1753, p.11-15, maio 2002. Entrevistadora Anna Paula Buchala.
- GUDDSDORF, Georges. **Professores para quê? para uma pedagogia da pedagogia**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- HAAS, Celia M. A universidade e a formação docente: em busca da formação docente interdisciplinar. In: ROLDÃO, Maria do Céu; MARQUES, Ramiro (Orgs.). **Inovação, currículo e formação**. Porto, Portugal, 2000.
- JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- LALONDE, M. El concepto de “campo de la salud”: una perspectiva canadiense. In: ORGANIZAÇÃO Pan-americana da Saúde (OPAS). **Promoción de la salud: una antología**. Washington: Opas, 1996.
- LEME, Luiz Eugênio G. Atenção interprofissional do idoso nos diferentes níveis de assistência à saúde. **Acta Ortopédica Brasileira**, v.6, n.1, p. 22-24, jan./mar. 1998.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- MUNIZ, José W.C. Desenvolvimento da criatividade no emprego da metodologia de solução de problemas na formação dos profissionais de saúde do curso de fisioterapia, na disciplina fisioterapia e nas disfunções cardiovasculares. **Fisioterapia em movimento**, v. 12, n. 2, p. 73-80, out.1998/mar.1999.
- NICIDA, Denise Pirillo. **A interdisciplinaridade como um caminho para a formação do fisioterapeuta**. São Paulo, 2002. 139 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Cidade de São Paulo, São Paulo, 2002.
- ORGANIZAÇÃO Mundial de Saúde. **CIF: Classificação internacional de funcionalidade, incapacidade e saúde** - Centro colaborador da organização mundial da saúde para a família de classificações internacionais. São Paulo: Edusp, 2003.
- RIOS, Terezinha A. **Compreender e ensinar: por uma docência da melhor qualidade**. São Paulo: Cortez, 2001.
- SILVA, Marco A. D. da; DE MARCHI, Ricardo. **Saúde e qualidade de vida no trabalho**. São Paulo: Best Seller, 1997.

Recebido: 05/04/2008

Aceito: 12/09/2008

**Endereço para correspondência:** *Celia Maria Haas*. E-mail: [celiamhaas@uol.com.br](mailto:celiamhaas@uol.com.br)